

O HOMEM DE FERRO E AS REPRESENTAÇÕES ESTEREOTIPADAS DOS COMUNISTAS NA GUERRA FRIA

IRON MAN AND THE STEREOTYPED REPRESENTATIONS OF COMMUNISTS IN THE COLD WAR

Rogério Luís Gabilan Sanches¹

RESUMO: O presente artigo visa demonstrar como as revistas em quadrinhos do famoso personagem da editora estadunidense *Marvel Comics*, *Homem de Ferro*, representavam os oponentes comunistas durante a Guerra Fria, o conflito ideológico entre Estados Unidos, líder do bloco capitalista e a União Soviética, do socialista. Estas representações se davam de maneira arbitrária, maniqueísta e estereotipada, onde o empresário Anthony Stark, o homem por trás da máscara do super-herói capitalista, é o típico exemplo do *American Way of Life*, ou estilo de vida americano, e era apresentado como gênio, homem de negócios bem-sucedido e fornecedor de armas ao exército dos Estados Unidos no contexto da Guerra do Vietnã. Por outro lado, os “vilões” comunistas da narrativa eram tidos como inimigos das liberdades e das democracias ocidentais, sendo, assim, apresentados como tiranos, arbitrários e sedentos pelo poder. Neste trabalho, com base na leitura e na análise de publicações que tinham o *Homem de Ferro* como protagonista e amparados por bibliografia que trata da Guerra Fria, estabeleceremos um contraponto entre o que era mostrado nestas revistas e o debate historiográfico

Palavras-chave: Guerra Fria; *Homem de Ferro*; Anticomunismo

ABSTRACT: This article aims to demonstrate how the comic books of the famous character of the American publisher *Marvel Comics*, *Iron Man*, represented the communist opponents during the Cold War, the ideological conflict between the United States, leader of the capitalist bloc and the Soviet Union, leader of the socialist bloc. These representations were given in an arbitrary, manichean and stereotyped way, where the businessman Anthony Stark, the man behind the mask of the capitalist superhero, is the typical example of the *American Way of Life*, and was presented as genius, successful businessman and arms supplier to the US army in the context of the Vietnam War. On the other hand, the communist “villains” in the narrative were seen as enemies of freedom and Western democracies, being thus presented as tyrants, arbitrary and power-hungry. In this work, based on the reading and analysis of publications that had *Iron Man* as the protagonist and supported by bibliography dealing with the Cold War, we will establish a counterpoint between what was shown in these magazines and the historiographical debate

Keywords: Cold War; *Iron Man*; anti-communism

1. INTRODUÇÃO

A Guerra Fria, o conflito no campo ideológico entre as duas grandes potências que surgiram após o fim da Segunda Guerra Mundial: a União Soviética - URSS, que representava o bloco socialista e os Estados Unidos da América - EUA, líder do bloco capitalista, foi a inspiração e o cenário para a criação de super-heróis da editora *Marvel Comics* que traziam, em sua narrativa e em seus enredos, correlações com o período em questão.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso - PPGHIS/UFMT (2011) e doutorando desde 2017 pelo mesmo Programa – Linha 3: Ensino de História, patrimônio e subjetividades sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Fronza. e-mail: gabilan.sanches@gmail.com

Durante a década de 1960, houve o período da Guerra Fria conhecido como “coexistência pacífica” que, apesar do nome, trouxe tensões no campo nuclear como a “Crise dos mísseis de Cuba”, de 1962; a crescente intervenção militar americana no Vietnã e; a cada vez mais frenética corrida espacial entre EUA e URSS, cujo objetivo principal das duas superpotências era a chegada à Lua.

Nesta conjuntura política, foram criados célebres e reconhecidos até hoje: *O Homem de Ferro*, o *Quarteto Fantástico* e o *Incrível Hulk*. Idealizados por Stan Lee e Jack Kirby, estes personagens traziam consigo forte carga ideológica e discurso anticomunista e contavam com características relacionadas ao período: o *Homem de Ferro* retratava o poderio bélico e militar norte-americano, sobretudo, no que diz respeito à Guerra do Vietnã; o *Quarteto Fantástico* combatia os “inimigos” comunistas durante a Corrida Espacial e; o *Incrível Hulk* apresentava questões relacionadas aos armamentos nucleares, uma vez que o seu *alter ego*, o Dr. Robert Bruce Banner ganhou seus superpoderes após uma experiência atômica em um campo de testes do governo dos EUA.

A criação destes personagens surgiu em um período das histórias em quadrinhos chamado *Era de Prata*, que durou desde os anos de 1950 até meados da década de 1970. Nesta época já vigorava o *Comics Code Authority*, uma espécie de auto-censura imposta pelas próprias editoras norte-americanas, sobretudo a *Marvel* e a sua rival, *DC Comics*. Este código foi instituído muito em razão do controverso livro *A Sedução do Inocente*, de autoria de Fredric Wertham, que, dentre outras mazelas, creditava às HQs uma parcela de responsabilidade pelo aumento da delinquência juvenil. (SANCHES, 2011, p. 31).

Esta era dos quadrinhos, que também ficou conhecida como “científica”, foi a responsável pelo surgimento dos “super-heróis tecnológicos”, onde praticamente todos eles são reconhecidos como cientistas e são *experts* em diversas áreas distintas do conhecimento humano, como química, informática, física nuclear, biologia, astrofísica, robótica, astronomia etc. Neste plano, os super-heróis da década de 1960 acompanhavam a tendência de progresso tecnológico que os Estados Unidos e a União Soviética experimentaram. Alguns exemplos notáveis: Reed Richards, o líder do *Quarteto Fantástico*, é um “gênio” da física, da engenharia elétrica e uma infinidade de outros saberes; Bruce Banner, o *Hulk*, é um reconhecido cientista e; Anthony Stark, o *Homem de Ferro*, objeto deste artigo, também é considerado genial e um prodígio em diversos segmentos.

A diferença mais significativa entre a *Era de Prata* e a anterior, a *Era de Ouro* é que nesta os super-heróis eram praticamente infalíveis e eram inspirados nos mitos clássicos, por esta razão possuíam ares de semideuses, como no caso da *Mulher-Maravilha* e do *Superman*. Não obstante, nos anos iniciais da *Era de Ouro*, inaugurada na década de 1930, época da grande depressão provocada pela queda de 1929 da bolsa de Nova York, na maioria das vezes, os super-heróis enfrentavam gângsteres e chefes criminosos das grandes cidades (COSTA, 2019, p. 27-28), ao passo que, na *Era de Prata*, os super-heróis, a despeito de possuir superpoderes, enfrentavam problemas tipicamente humanos, o que gerava empatia e uma certa identificação com o seu público.

As mentes brilhantes norte-americanas das revistas *Marvel* publicadas durante a Guerra Fria contrastavam visivelmente com os incultos, violentos e irracionais inimigos comunistas. Obviamente que havia exceções², mas, via de regra, eles são representados como desprovidos de inteligência, facilmente enganáveis e que seguem com fidelidade cega as diretrizes do Partido Comunista. Não coincidentemente, uma das principais vítimas das representações desfavoráveis feitas pelas HQs americanas na década de 1960 é o ex-Secretário-Geral do Partido Comunista Soviético - na prática, o cargo equivale a Primeiro-Ministro da URSS - Nikita Krushev.

Atendendo ao maniqueísmo e à dicotomia simplista do “bem contra o mal” bastante presente nas narrativas histórias em quadrinhos do *Homem de Ferro* - como também em revistas de outros super-heróis da *Marvel* no período - Krushev é representado como uma pessoa maquiavélica, disposta a difundir o comunismo pelo mundo e a derrotar os Estados Unidos. Mas sempre tem um super-herói americano de plantão disposto a estragar os seus planos.

As aventuras do *Homem de Ferro* no período continham enredos claramente anticomunistas, onde o personagem estava sempre disposto a sair em defesa do bloco capitalista, comandado pelos EUA, e disseminava uma propaganda política que visava representar o outro lado, o socialista, liderado pelos soviéticos, como os grandes “vilões” do conflito ideológico que durou mais de quarenta anos (1947-1989), e que dominou o imaginário coletivo com a retórica inflamada e, por vezes belicista demais, dos representantes políticos dos dois lados. (SANCHES, 2011, p. 8)

² Caso do vilão chinês *Mandarin*, oponente à altura de Tony Stark, que possui inteligência e superforça, e é até os dias de hoje um dos principais inimigos do super-herói.

Portanto, estas revistas em quadrinhos faziam parte do esquema de propaganda ideológica norte-americana contra a chamada “ameaça comunista”, como instrumento de *marketing* político, ilustrando o embate entre as superpotências vitoriosas na Segunda Guerra Mundial e como as mesmas eram representadas nas páginas de tais publicações. Esta representação atribuía valores de natureza distinta para capitalistas e socialistas.

O papel de guardiões da liberdade era atribuído, nos quadrinhos do *Homem de Ferro*, aos americanos; enquanto os socialistas (sejam eles soviéticos ou chineses), eram relegados ao de “inimigo total”, a ser combatido. Aqui, nos embasaremos na noção de representação postulada pelo francês Roger Chartier, que expõe como determinadas sociedades, muitas vezes, acabam utilizando estratégias simbólicas para legitimar seus pontos-de-vista:

Mais do que o conceito de mentalidade, ela (Representação) permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

A representação que os Estados Unidos faziam dos povos socialistas - por eles, chamados de comunistas - era parte integrante de uma propaganda ideológica, por vezes, bastante agressiva. Para ilustrar esta afirmativa utilizaremos trechos retirados de edições de aventuras do *Homem de Ferro* publicadas na década de 1960, onde termos empregados para designar os inimigos do super-herói, como “comunistas” ou “comunais”, apareciam com bastante frequência. Somente na edição de estreia do personagem, a palavra “vermelho (a)”, alusão ao comunismo, por exemplo, foi utilizada treze vezes, como complemento para “tirano” ou “guerrilha”.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia aqui consiste em empreender, a partir da leitura de amostragens de edições do *Homem de Ferro* na década de 1960, a catalogação e análise qualitativa da repetição dos termos utilizados para conferir atribuições antagônicas aos adversários dos Estados Unidos durante o conflito ideológico da Guerra Fria. É bastante clara a formação de um padrão que

visava incutir os leitores de que havia um “inimigo total” à espreita e que este rival precisava ser combatido, nem que fosse nas páginas dos quadrinhos.

Estas aventuras do *Homem de Ferro* são coerentes com a conjuntura política de seu tempo e, portanto vão ao encontro da proposta deste artigo: elas possuíam caráter ideológico e se constituíam em veículos de propaganda com caráter anti-comunista.

Haja vista a grande quantidade de publicações com o personagem, esta metodologia consistirá em se tomar uma pequena amostragem destas histórias e de compilar os dados com os termos estereotipados utilizados nelas optamos em analisar apenas uma parte delas. Partindo do particular para o todo, já seria o suficiente para demonstrarmos as ideias que pretendemos levar adiante e como justificamos a realização deste artigo tendo a utilização bastante reduzida destas histórias.

Assim sendo, além da edição de estreia do *Homem de Ferro*, a revista *Tales of Suspense* nº 39, de março de 1963, onde já foi citada a ativa participação de Anthony Stark na Guerra do Vietnã e a representação do “inimigo” comunista Wong-Chu, analisaremos *Tales of Suspense* nº 46, de outubro de 1963, onde o super-herói enfrenta um oponente igualmente tecnológico, o *Dínamo Vermelho* e; o nº 52 da revista, de abril de 1964, que contou com a estreia da personagem *Viúva Negra*.

A partir das leituras e da análise qualitativa destes quadrinhos, notamos o quão clara é a repetição de situações antagônicas entre norte-americanos e comunistas como também de termos carregados de estereótipos. Assim sendo, a partir de exemplos de como se dava esta dinâmica - a de se atribuir características estereotipadas aos “inimigos” comunistas do *Homem de Ferro* nestas narrativas – procedemos com a construção deste trabalho.

Neste artigo, além de demonstrar as narrativas anticomunistas destas publicações, buscaremos promover um debate teórico entre autores que adotam visões historiográficas opostas, com grande destaque para *Era dos Extremos - o Breve Século XX*, de Eric Hobsbawm, historiador britânico, nascido no Egito que, dentre outras várias características, foi membro do Partido Comunista Inglês - e considerado por autores como Tony Judt, como o maior historiador do século XX - e para o professor norte-americano John Lewis Gaddis, intelectual de direita que em sua obra *História da Guerra Fria* defende quase que unilateralmente o papel dos Estados Unidos na Guerra Fria. A seguinte frase de Gaddis (2006, prefácio, p. ix): “O mundo, tenho certeza, é um lugar melhor pelo fato de o conflito ter-se travado da forma como o foi e ser vencido pelo lado que venceu”, é muito sintomática acerca da nossa afirmação.

Portanto, estabelecemos um diálogo entre a produção intelectual destes autores e o objeto deste artigo. Aqui demonstraremos como a retrospectiva do trabalho destes historiadores e o conteúdo de suas obras traz sentidos ao que apresentamos neste artigo.

3. O *HOMEM DE FERRO* E A INTERVENÇÃO AMERICANA NO VIETNÃ

No que diz respeito à geopolítica da Guerra Fria, durante a década de 1960, explicamos que um até então pouco conhecido país do sudeste asiático passou a ser o foco das atenções do governo americano: o Vietnã, que passou a ser tratado como estratégico no que diz respeito às áreas de influência geopolítica, haja vista sua localização próxima à China, o gigante administrado pelo Partido Comunista até os dias de hoje.

Apresentado este contexto, a estreia do *Homem de Ferro* se deu no nº 39 da revista *Tales of suspense*, de março de 1963. O empresário Anthony Stark constrói sua armadura tecnológica a partir de sucata extraída de seus próprios armamentos - fornecidos pelas *Indústrias Stark* ao exército dos EUA - uma vez que o bilionário, gênio, *playboy* e filantropo é feito de refém no Vietnã enquanto supervisionava a venda de suas armas para o exército estadunidense.

Nesta época, estava em curso a escalada militarista iniciada pelo então presidente John F. Kennedy, com a ampliação do efetivo americano no Vietnã, bem como do aumento no orçamento de defesa. Kennedy se preocupava com a posição que os soviéticos tinham alcançado na corrida espacial, quando estes impuseram derrotas significativas aos Estados Unidos, como o lançamento do primeiro ser vivo ao espaço - a cadela *Laika* - e o primeiro voo orbital em torno da Terra, com o cosmonauta Yuri Gagarin.

Portanto, JFK não queria ficar para trás na corrida armamentista e na busca por áreas de influência política para os Estados Unidos. O jovem presidente julgou que o Vietnã seria fraco e fácil de ser derrotado (GUERRA, 2013, p. 107). Esse erro de avaliação custou milhares de vidas de soldados americanos, dez anos de guerra, e impôs a mais expressiva derrota militar da história americana.

Para o historiador britânico de matriz marxista Eric Hobsbawm, esta derrota não se resumiu apenas ao campo de batalha, haja vista que o poderio bélico militar estadunidense era superior. Ele explica que os EUA perderam a Guerra do Vietnã em seu próprio território, além de uma série de outros fatores,

A Guerra do Vietnã desmoralizou e dividiu a nação, em meio a cenas televisadas de motins e manifestações contra a guerra; destruiu um presidente americano (Richard Nixon³); levou a uma derrota e retirada universalmente prevista após dez anos (1965-1975); e, o que interessa mais, demonstrou o isolamento dos EUA. Pois nenhum de seus aliados europeus mandou sequer contingentes nominais de tropas para lutar junto às suas forças. Por que os EUA foram se envolver numa guerra condenada, contra a qual seus aliados, os neutros e até a URSS os tinham avisado, é quase impossível compreender, a não ser como parte daquela densa nuvem de incompreensão, confusão e paranoia dentro da qual os principais atores da Guerra Fria Tateavam o caminho. (HOBSBAWM, 1995, p. 241)

John Lewis Gaddis justifica que a intervenção dos Estados Unidos se deu para evitar que o Vietnã do Norte, comunista, invadisse o do Sul, apoiado pelos americanos. Portanto, a tática utilizada foi a de estabelecer um governo “fantoche” sob comando de Ngo Dinh Diem. Porém, Diem se mostrou autoritário e se tornou um problema. (GADDIS, 2006, p. 126).

Ainda segundo Gaddis, o sucessor de Kennedy, Lyndon Johnson, conquistou autorização em 1964 para “adotar as medidas necessárias para salvar o Vietnã do Sul” (GADDIS, 2006, p. 127). A partir deste momento que se estabeleceu a grande escalada militar dos EUA na região, com o envio cada vez mais crescente de tropas. Para Johnson, a perda do Vietnã para o comunismo representaria um duro golpe para as pretensões geopolíticas e de influência norte-americanas: “Se formos expulsos do Vietnã, nação alguma voltará a ter a mesma confiança na proteção americana”.

“*Quem? Ou o quê, é o mais novo, mais surpreendente, mais sensacional super-herói de todos? HOMEM DE FERRO! Ele vive! Ele anda! Ele Conquista!*”, este é o texto estampado na capa de *Tales of Suspense* nº 39, de março de 1963 e fica evidente que, a exemplo de JFK, havia também um otimismo por parte dos autores destas aventuras que a vitória em terras vietnamitas era apenas questão de tempo. No entanto, o que os americanos tanto temiam aconteceu em 1975, quando houve a retirada completa das tropas americanas de Saigon, capital do Vietnã do Sul (HOBSBAWM, 1995, p. 215) e a reunificação do país, sob comando do Partido Comunista.

³ Documentos publicados no início da década de 1970, pelo jornal *The Washington Post*, revelam que tanto o presidente norte-americano à época, Richard Nixon, quanto seus antecessores, John Kennedy e Lyndon Johnson, mentiram quanto à Guerra do Vietnã, pois, mesmo cientes de que se tratavam de uma batalha perdida, gastaram somas astronômicas de dinheiro na manutenção do conflito no sudeste asiático, resultando em milhares de mortes, tanto de soldados norte-americanos quanto de militares e civis vietnamitas. In: BELÉM, Euler de França. **Post balançou Nixon com os Documentos do Pentágono e o derrubou com o Caso Watergate. Jornal Opção**, 03 de fevereiro de 2018. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/post-balancou-nixon-com-os-documentos-do-pentagono-e-o-derrubou-com-o-caso-watergate-116232/>>. Acesso em 10/05/2021, às 17:28H.

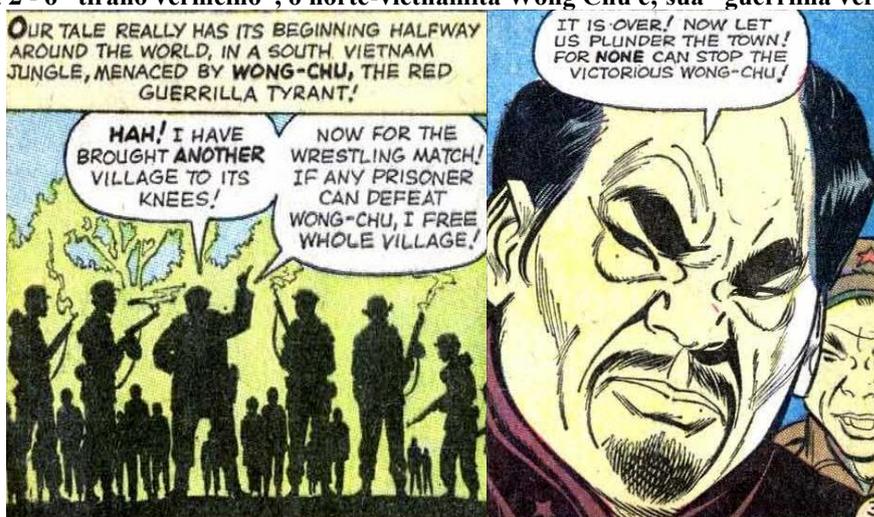
Figura 1 - Capa de estreia do *Homem de Ferro*



Fonte: *Tales of Suspense* nº 39. New York: Marvel Comics. Março de 1963.

Na figura 2, logo abaixo, é posto em relevo toda a simbologia e caracterização estereotipada dos oponentes do super-herói representante da ideologia capitalista: o “tirano” Wong-Chu, ao invadir uma aldeia do Vietnã do Sul, empreendia um ataque a um aliado americano, ao mesmo tempo, em que sua Guerrilha Vermelha (*Red Guerrilla*), é uma evidente analogia ao comunismo. Para reforçar o estereótipo, o norte-vietnamita é referenciado como *War Lord*, ou *Senhor da Guerra*.

Figura 2 - o “tirano vermelho”, o norte-vietnamita Wong Chu e; sua “guerrilha vermelha”⁴



Fonte: *Tales of Suspense* #39. New York: Marvel Comics, mar. 1963, p. 3.

⁴ Nosso conto tem começo realmente do outro lado do mundo, em uma selva do Vietnã do Sul, ameaçada por **Wong-Chu**, o tirano da Guerrilha Vermelha! Hah! Eu deixei outra aldeia de joelhos! Agora vamos à luta! Se algum prisioneiro puder derrotar Wong-Chu, eu deixo a aldeia inteira livre! Acabou! Agora vamos saquear a cidade! Pois ninguém pode parar o vitorioso Wong-Chu.

Ao final de sua primeira aventura, o *Homem de Ferro* persegue Wong Chu e provoca um incêndio em um depósito de armas onde o seu inimigo tentou se esconder, ocasionando assim uma grande explosão.

4. REPRESENTAÇÕES ESTEREOTIPADAS DE NIKITA KRUSCHEV

Em *Tales of Suspense* nº 46, de outubro de 1963, é construída uma representação alegórica e estereotipada de Nikita Krushev, inclusive fazendo referências não somente ao seu caráter político-ideológico, como também à sua aparência física, com termos como “gorducho” e “carrancudo”. Esta aventura utiliza a linguagem estética dos quadrinhos, como a sombra projetada e seu ar ameaçador, conferindo características de “vilão” ao líder soviético. Conforme figura 3:

Figura 3 - Krushev, o “chefão” da cortina de ferro⁵



Fonte: *Tales Of Suspense* nº46. New York: Marvel Comics, out. 1963. p.2

Krushev, ou melhor, *Mr. Big* vai ao encontro de um cientista russo que está desenvolvendo uma armadura tecnológica e cheia de apetrechos semelhante à do *Homem de Ferro*. Em posse desta armadura, Vanko assume a identidade de *Dinamo Escarlate*. Obviamente que a finalidade é destruir o *Homem de Ferro*. O *Mr. Big*, ou a representação de Krushev, é apresentado nesta narrativa como um tirano, covarde, idiota e medroso.

⁵ **Quadro Amarelo 1:** *Você pode reconhecer o gorducho, figura carrancuda entrando em um laboratório nos arredores de Moscou? - Guardas, sigam-me!* **Quadro Amarelo 2:** *Se não pode, então você não sabe nada sobre a Guerra Fria! Pois este sujeito é o Mr. Big (Chefão) da Cortina de Ferro! Guarda: Aqui estamos, excelência, o laboratório do Dinamo Escarlate! - Como eu odeio este Professor Vanko... E tenho medo dele!*

Reparemos que, na maioria das vezes, os super-vilões que enfrentam os protagonistas das histórias da *Marvel* com narrativas ideológicas anticomunistas durante a Guerra Fria, apresentam algum complemento com “vermelho” ou variantes desta cor, como o “escarlate”, por exemplo. Porém o prenome nem sempre é elogioso, podendo variar entre *Bárbaro Vermelho*, *Fantasma Vermelho* ou até mesmo o grande oponente do *Capitão América* dos anos de 1940, o *Caveira Vermelha* que, muito convenientemente, foi transformado de nazista para comunista na conjuntura política do confronto. Nesta edição, a *Marvel* foi até complacente, pois *Dínamo* pode transmitir a noção de força, potência.

Após a inevitável luta travada entre Tony Stark e Vanko, o *Homem de Ferro* faz uma proposta para o cientista: *Como um dos mais brilhantes experts em eletricidade do mundo, porque você não DESERTA para os Estados Unidos? Dê o seu talento a uma nação que aprecia homens geniais... E permite-lhes trabalhar em projetos que ajudem a humanidade... Não para destruir os outros!*⁶

Figura 4 - Será o fim do Homem de Ferro?⁷



Capa de *Tales of Suspense*, nº 46, de outubro de 1963:

⁶ Versão original (em inglês): *Iron Man: As one of the world's most brilliant experts on electricity, why don't you defect to the U.S.? Give your talent to a nation which appreciates men of genius... and allows to the work on projects to aid mankind... Not to destroy others.*

⁷ *Mais poderoso que o Homem de Ferro! Como pode o Super-Herói dourado enfrentar o Dínamo Escarlate! Tony Stark diz, com ar preocupado: É hora de Anthony Stark se tornar o Homem de Ferro mais uma vez!! Eu rezo para essa não ser minha batalha final!*

Algumas das características pouco lisonjeiras que eram atribuídas a Krushev nas páginas das histórias em quadrinhos - não só do *Homem de Ferro*, diga-se de passagem - também foram apontadas por John Lewis Gaddis, de maneira não menos jocosa, ao estabelecer comparativos entre ele, Krushev, e o ex-presidente americano, o General Dwight D. Eisenhower, que havia sido o comandante supremo das forças aliadas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial:

O extemamente autoconfiante Eisenhower, sempre teve absoluto domínio de si mesmo, de seu governo, e certamente das forças militares dos Estados Unidos. Krushev, ao contrário, era o excesso em pessoa: podia ser espalhafatosamente palhaço, beligerantemente enjoado, agressivamente inseguro. Elevado e distinto, nunca foi, e a instabilidade da política posterior a Stalin era tal que ele nunca pôde se sentir seguro de sua própria autoridade. (GADDIS, 2006, p. 66)

Ao mesmo tempo, parece um tanto exagerada a representação de que Nikita Krushev empreenderia tempo, dinheiro e esforços e corresse o risco de provocar um incidente diplomático, somente para criar um mecanismo que fosse capaz de deter o *Homem de Ferro*, ainda mais que o personagem era a personificação, nas histórias em quadrinhos, da força armamentista americana e de tudo que ela representava, e sempre seguia os ditames de comandantes militares do Pentágono, a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Esta afirmação se justifica pelo fato de o líder soviético, segundo Hobsbawm, ser pacífico, e só ter adotado uma retórica contundente em relação ao Ocidente por mera força das circunstâncias, pois se preocupava com o discurso belicista dos EUA e com as acusações, por parte da China, de Moscou ter “amolecido” diante do capitalismo. (HOBSBAWM, 1995, p. 240)

5. VIÚVA NEGRA E ESPIONAGEM

Tales of Suspense nº 52, de abril de 1964 trazia um Tony Stark sintonizado com a retórica político-ufanista característica da narrativa dos quadrinhos, proferindo um discurso patriótico não fazendo questão nenhuma em esconder que os americanos passam uma imagem de “bons moços”, em total antagonismo à representação que fazem dos soviéticos, em especial de Krushev, outra vez representado como o “vilão” da narrativa e, mais uma vez, com planos para destruir o *Homem de Ferro*. Só que desta vez, ele vai lançar mão de outra “arma”.

Aqui, é apresentada pela primeira vez a espiã russa Natasha Romanoff, que ficaria muito conhecida no universo dos quadrinhos como *Viúva Negra*. O foco desta aventura foi o plano do Krushev da ficção em usar a agente soviética para roubar segredos militares que estavam em

posse de Stark⁸. Hobsbawm analisa que, os atos de espionagem da CIA, a Central de Inteligência Americana e; da KGB, a polícia secreta da União Soviética, alimentaram o imaginário popular sobre a Guerra Fria, sobretudo, com a produção de livros e filmes sobreespões. Sendo, óbvio, o mais famoso deles, o agente que tinha “permissão para matar”, James Bond, ou 007. E é também muito claro que as histórias em quadrinhos iriam explorar este filão.

A Kruschev, a exemplo de muitas outras histórias do período, foram atribuídas características maquiavélicas seguindo a linha editorial anti-comunista da *Marvel Comics*. Nas páginas desta edição ele é tratado como *Camarada Líder* ou *Camarada K* e, como não poderia deixar de ser, foi representado como um velho obeso, autoritário, inoperante e incompetente.

A despeito de sua configuração dos dias atuais⁹, Romanoff começou sua trajetória nas HQs como uma vilã, como mandava o *script* maniqueísta da Guerra Fria: americanos, os mocinhos; comunistas, principalmente soviéticos, os malfeitores. Com o passar dos anos, ganhando mais notoriedade e espaço, a carismática *Viúva Negra* foi perdendo as suas características de vilã e, naturalmente, passou a engrossar as fileiras dos mocinhos. Neste contexto, ela passa a integrar o supergrupo de heróis *Os Vingadores*.

É a típica mudança feita ao sabor das conveniências – sejam elas políticos-culturais como editoriais, também. Pois, não fazia sentido que uma ‘inimiga’ comunista fizesse tanto sucesso quanto os norte-americanos. Por isso a mudança de perfil da personagem, que acabou ‘virando a casaca’ e, eventualmente, lutando contra seus próprios compatriotas.

⁸ Não foi a única vez que isto aconteceu nas histórias do *Homem de Ferro*. Em *Tales of Suspense* n°42, de junho de 1963, um outro vilão soviético, o *Bárbaro Vermelho*, também arquitetou um plano que consistia em roubar segredos militares de Stark.

⁹ A personagem é uma das mais queridas e admiradas do chamado Universo *Marvel*.

Figura 5 – Discurso de Stark e a ira do “rechonchudo” líder soviético¹⁰



Fonte: *Tales of suspense* nº 52. New York: Marvel Comics, abr. 1964, p. 03

Figura 6 - Natasha Romanov, a Viúva Negra¹¹



Idem.

¹⁰ Deixando Professor Vanko, Tony Stark relembra... Volta ao tempo em que Vanko, como o Dínamo Escarlata, estava a serviço dos VERMELHOS... Antes de o Homem de Ferro derrotá-lo e permiti-lo desertar e trabalhar para a América. - Você me venceu, Homem de Ferro, mas eu morrerei como um homem! - Não há necessidade de você morrer! Americanos não são assassinos! Eu tenho uma oferta para fazer a você... **Segundo Quadro Amarelo:** Mas, a milhares de milhas de distância, em uma sessão privada de cinema, uma pequena figura rechonchuda está tomada por uma incontável raiva! - Aí está, excelência! Destes filmes secretos você vê a prova absoluta da traição de Vanko! - O traidor!! Ele se juntou aos americanos! Ele deve ser eliminado! Pare o filme! Este é um trabalho para a Viúva Negra... e o homem conhecido como... Boris!

¹¹ **Nikita Khrushchev ou Camarada Líder:** Estes são seus alvos: o fabricante de armas americano Tony Stark e o traidor Vanko. Mas também será necessário descartar o poderoso guarda-costas de Stark... o homem de ferro; **Natasha Romanov (pensando):** Hum... Este Anthony Stark é tão bonito quanto rico! Ele será uma tarefa interessante para a Viúva Negra.

A trama é bastante simplória: ainda ressentido pelo fato do professor Vanko, o *Dínamo Vermelho*, ter desertado para os Estados Unidos, Kruschev, agora chamado de *Camarada Líder* - por vezes ele também foi chamado de *Camarada K* - busca vingança contra os americanos, enviando dois agentes, Natasha e um homem de força descomunal chamado Boris, para descobrir os segredos da “nova arma” de Stark e capturar o “traidor” Vanko. Na sequência, Boris vai à caça do *Dínamo*, enquanto Natasha distrai Tony Stark, que ficou admirado pela sua beleza.

Esta representação desfavorável acerca das personagens femininas era a regra e não a exceção quando se tratava de HQs da época. Não só à *Viúva Negra* como diversas outras personagens das HQs na época, como, por exemplo, a Mulher-Gato¹² era relegada a função de usar trajes provocantes, ser a “mulher fatal”, a distração do “mocinho”. Este subterfúgio também era largamente utilizado nos filmes da série do espião britânico James Bond, ou 007 – não coincidentemente, também, um símbolo *cult* da Guerra Fria¹³ - e de muitos outros cujos protagonistas são masculinos.

A *Femme fatale*, o interesse amoroso/sexual do personagem masculino e principal não é exclusividade dos super-heróis da *Marvel* ou da *DC*. Esta figura não era exatamente uma novidade até mesmo na década de 1960. Ela existe na literatura há muito tempo e também era presença obrigatória nas histórias em quadrinhos “pulp” de detetives das décadas de 1940-50.

Se até mesmo em pleno século XXI já se constitui em tarefa árdua alçar as importantes personagens do gênero feminino ao patamar que elas merecem ter, de respeito, relevância e importância, imaginemos, então, na sociedade machista, patriarcal e preconceituosa dos Estados Unidos das décadas de 1930-60.

Lembremos aqui: a *Viúva Negra* era um estereótipo, e todos os estereótipos tendem a ser caricaturais, exagerados, jocosos e preconceituosos. Esta era a representação

¹² Anti-heroína e interesse romântico do *Batman*, personagem da *DC Comics*.

¹³ A criação de Ian Flemming retratava, em seus filmes, dos anos de 1960 aos de 1980, a rivalidade e o jogo de espiões existente entre comunistas e capitalistas. Também havia as controversas *Bond Girls*, que seriam a encarnação da *Femme Fatale*, ou mulher fatal. Hoje, principalmente a partir do enfoque mais realista dado aos filmes estrelados pelo ator Daniel Craig, os filmes do agente secreto mais famoso do cinema já trazem uma representação mais favorável das mulheres, onde as coprotagonistas têm como principais atributos, a inteligência e a astúcia e não tanto o *sex appeal*; possuem uma história, têm suas próprias motivações e têm função importante para o desenvolvimento da narrativa e da trama dos filmes.

acerca dos "vilões" soviéticos à época, e a mídia dos quadrinhos *mainstream* dos EUA não dava muita atenção a filtros de qualquer espécie: seja de classe, gênero ou condição social.

Finalizando, no desfecho desta edição de *Tales of Suspense*, Tony Stark se lamenta, pois o pobre Vanko sacrificou sua vida para provar sua lealdade a nossa nação¹⁴, no caso, os Estados Unidos. No caso de Natasha, ela consegue fugir após a batalha final entre o *Homem de Ferro* e Boris, que conseguiu roubar e vestir a armadura do *Dínamo Escarlate*. E, no último requadro aparece a *perigosamente irresistível Viúva Negra, sozinha, abandonada e sempre se escondendo*, visivelmente preocupada e pensando: *Eu devo continuar andando... eu sei muito bem qual é a punição para o fracasso!!*¹⁵ Em se tratando da “tirania” dos dirigentes comunistas representados nas HQs durante a Guerra Fria, não é muito difícil de se imaginar qual penalidade seria está.

6. CONCLUSÃO

Este artigo parte de reflexões, impressões e diálogos historiográficos que foram construídos desde a nossa dissertação de mestrado, passando pelo relatório de qualificação, até a tese de doutorado, a ser defendida em 2021. Consideramos a articulação entre a narrativa das histórias em quadrinhos, seja ela verbal ou não-verbal, por intermédio de seus componentes imagéticos, de suma importância para a elaboração de debates críticos acerca das mensagens presentes nos discursos deste tipo de produção artística.

Para tanto, elegemos visões historiográficas tão, aparentemente, díspares entre si, para proporcionar ao leitor deste trabalho, seja ele estudante, professor ou pesquisador, uma visão ampla acerca da contribuição que as histórias em quadrinhos têm enquanto fonte documental e histórica, passível de análise, discussões e de entendimentos diversos, sejam eles convergentes ou divergentes.

Acreditamos que o uso destas narrativas gráficas como fonte documental, articulada com a produção bibliográfica de autores que tratam do tema Guerra Fria - ou de qualquer período histórico - seja de qualquer corrente historiográfica à qual estes autores pertençam, ajuda a

¹⁴ *Poor Vanko! He sacrificed his life to prove his loyalty to our nation! He shall never be forgotten!* In: *Tales of suspense* nº 52. New York: Marvel Comics, abr. 1964, p. 13.

¹⁵ *I must keep moving... i know too well the penalty for failure.* Idem.

despertar o senso crítico e a estabelecer diálogos e debates com um embasamento teórico-científico bastante abrangente e satisfatório.

REFERÊNCIAS:

BELÉM, Euller de França. **Post balançou Nixon com os Documentos do Pentágono e o derrubou com o Caso Watergate**. *Jornal Opção*, 03 de fevereiro de 2018. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/post-balancou-nixon-com-os-documentos-do-pentagono-e-o-derrubou-com-o-caso-watergate-116232/>>. Acesso em 10/05/2021, às 17:28H.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Rafael Machado. **Altivos Aliados de Stan Lee: a importância de Jack Kirby e Steve Ditko na revolução dos quadrinhos da Marvel na década de 1960**. *Diálogo (UNILASALLE)*, v. 42, p. 27-35, 2019.

GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Tradução: Gleuber Vieira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GUERRA, F. V. **Guerra, contestação e quadrinhos: o conflito do Vietnã por meio das War stories**. *Revista Cantareira*, v. 17, 2013. pP. 105-122.

HOBSBAWM, Eric J., **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SANCHES, Rogério Gabilan. **Guerra Fria e Histórias em Quadrinhos: Política, sociedade e cultura no século XX**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. Dissertação de Mestrado em História no Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Trabalho efetuado sob a orientação do Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho, 11 de junho de 2011.

Tales of Suspense nº 39. New York: Marvel Comics, mar. 1963

Tales of Suspense nº46. New York: Marvel Comics, out. 1963

Tales of suspense nº 52. New York: Marvel Comics, abr. 1964